

Resenha

discurso 45

Tricentenário do nascimento de Diderot (1713-2013)

Maria das Graças de Souza | USP

As comemorações do tricentenário do nascimento de Diderot, em 2013, além de motivarem colóquios, congressos e seminários sobre a sua filosofia, em várias partes do mundo, foram também ocasião, na França, para o lançamento de edições de seus textos e estudos sobre sua obra. Destacamos aqui em primeiro lugar três desses lançamentos: o “Coffret” Diderot, da coleção *Bibliothèque de la Pléiade*, o livro de Michel Delon *Diderot, le cul par dessus tête*, e a coletânea de artigos de Jean Starobinski, *Diderot, un diable de ramage*. Em seguida, mencionamos rapidamente outros trabalhos de interesse.

- *Coffret Diderot*, contendo *Oeuvres Philosophiques, Romans et Contes* e *Album Diderot*. Edição de Mihel Delon. Paris, Gallimard, 2013, *Bibliothèque de la Pléiade*.

Trata-se de uma caixa, de tiragem limitada, que contém os dois volumes já disponíveis no catálogo da coleção *Bibliothèque de la Pléiade*, o primeiro, das obras romanescas, cuja primeira edição é de 2004, e o segundo, das obras filosóficas, de 2010, acompanhados, desta vez, de um álbum de documentos iconográficos sobre o filósofo, extraídos de diversos acervos de museus franceses e de coleções particulares ao redor do mundo.

O primeiro volume Diderot da coleção da *Pléiade*, de 1946, sob a direção de André Billy, trazia uma coletânea de obras filosóficas, romanescas e estéticas. Estes textos foram distribuídos em dois volumes, sob os cuidados de Michel Delon, um contendo as obras filosóficas, o outro as romanescas.

O leitor de Diderot e frequentador da Biblioteca da Pléiade espera que sejam publicadas também na coleção as obras estéticas do filósofo.

- Michel Delon, *Diderot – cul par dessus tête*, Paris, Albin Michel, 2013.

Com este título provocador, *Diderot, le cul par dessus tête*, o livro é uma mistura de biografia, de passeio, de conversação amigável e de ensaio de crítica literária e filosófica. A obra é e não é uma biografia: a cronologia está lá, mas não é contínua. Reconstitui os principais momentos da vida do filósofo, mas ultrapassa seu tempo, avança para os acontecimentos da Revolução Francesa e chega mesmo até nossa época, numa tentativa de “dialogar através dos séculos com este langores em Paris, este camponês na capital”. O passeio e a conversação amigável têm algo da tradição clássica, mas também do *flâneur* de Paris. Nesta mistura de gêneros, tão diderotiana, a obra do filósofo e enciclopedista aparece em toda a sua complexidade e em toda sua riqueza.

O livro reserva-nos ainda uma surpresa final. Delon, autor-narrador, num bem sucedido pastiche de *O sobrinho de Rameau*, faz uma entrevista com Diderot. Aqui, o diálogo se dá entre “Moi”, o entrevistador, e “Diderot”. O filósofo entrevistado não se nega a comentar sua obra e seu tempo, e não hesita em fazer observações sobre o século do entrevistador, num notável exercício, da parte de Michel Delon, de reconstituição do estilo e da vivacidade da escrita diderotiana.

- Jean Starobinski, *Diderot, un diable de ramage*, Paris, Gallimard, 2012.

Trata-se de uma coletânea de artigos do mestre Starobinski, já publicados, revistos e algumas vezes modificados para compor esta edição. A diversidade temática dos artigos, que abarcam obras romanescas, filosóficas e estéticas, é, contudo, atravessada por um conjunto de imagens ligadas à sonoridade, à ressonância, à tonali-

dade, à vibração. O termo “ramage”, do título, alude ao canto dos pássaros, ao seu gorgoeio, ao barulho que fazem ao cantar e bater as asas. A imagem remete à linguagem: no *Sobrinho de Rameau*, “Lui”, ou o Sobrinho, afirma que sua “ramage” ora é do gênero elevado, ora do gênero baixo, ora dos homens de letras, ora daquelas da praça do mercado. Starobinski mostra que Diderot pode assumir por própria conta a declaração do Neveu, e que suas obras de ficção, desde os *Bijoux indiscrets* até *Jacques le fataliste*, o leitor se depara com um “registro sonoro de rara amplitude”.

Com efeito, as metáforas sonoras são abundantes na obra do filósofo como um todo. Nos comentários à tradução de Shaftesbury, as afecções são como as cordas de um instrumento de música. O cravo pensante, as cordas vibrantes, no *Sonho de D’Alembert*, são a imagem da vida mental. No Salão de 1765, a propósito de um quadro de Van Loo, Diderot associa o gênio ao rouxinol. Trata-se aqui de certo privilégio do ouvido em relação ao olho. Uma das possíveis leituras do conjunto de artigos de Starobinski neste livro talvez seja precisamente o tema do primado da escuta, da palavra, da réplica. Pois, como afirma Starobinski, “Diderot é um escritor que estende o ouvido para todos os lados, sempre atento aos rumores do seu século”.

Outros lançamentos

- Michel Delon, *Diderot et ses artistes*, Paris, Gallimard/Découvertes, 2013

Também da pena de Michel Delon é o livro *Diderot e ses artistes*, publicado por ocasião da exposição “Le goût de Diderot”, no Museu Fabre de Montpellier entre outubro de 2013 e janeiro de 2014, e em seguida na Fondation de l’Hermitage, em Lausanne. A obra é construída em três vozes: as telas dos pintores, muito bem reproduzidas, passagens dos *Salões* a seu respeito, e comentários complementares do próprio Delon. Os nove Salões, segundo Delon, “ultrapassam a evocação das obras apresentadas para

esboçar uma filosofia da arte, que ainda não se chama estética”.

- Frank Salaün (Org), *Le langage politique de Diderot*, Paris, Hermann, 2014

Frank Salaün é professor na Universidade de Montpellier. Sobre Diderot, publicou também *Le genou de Jacques, singularités et théorie du moi dans l'oeuvre de Diderot* (2010) também pela Hermann. Recusando a interpretação segundo a qual não haveria, em Diderot, um pensamento político consistente, o organizador desta coletânea, para a qual contribuíram diversos especialistas, pretende mostrar que, se explorarmos a poética diderotiana bem como suas teses sobre a história das sociedades, a vida da cidade e o poder legítimo, encontramos na obra de Diderot uma reflexão política rica e avessa ao dogmatismo.

- Colas Duflo, *Diderot, du matérialisme à la politique*, Paris, Éditions du CNRS, 2013.

Partindo da ideia de que a obra de Diderot possui uma “coerência sem sistema”, o autor desenvolve a hipótese de que a antropologia materialista diderotiana se articula a um pensamento político que se exprime na sua reflexão sobre seu próprio tempo, tal como se pode ver em certos verbetes redigidos para a *Encyclopédia*, no *Suplemento à viagem de Bougainville*, nos capítulos que escreveu para a *História das duas Índias* de Raynal e outros escritos. O autor, que também escreveu um volume intitulado *Diderot philosophe* (Paris, Honoré Champion, 2004) vem se destacando, ao lado de outros nomes, como François Pépin (*La philosophie expérimentale de Diderot et la chimie*, Paris, Garnier Classiques, 2012), como um dos novos expoentes dos estudos diderotianos na França.

- Roger Bruyeron, *Le petit château de Diderot- Entretien d'un philosophe avec son ombre*, Paris, Hermann, 2013.

Roger Bruyeron é professor no Liceu Condorcet e dirige,

nas Edições Hermann, a coleção *Fictions pensantes*, da qual faz parte este título. O livro pretende, nas palavras do autor, “tornar mais conhecido o verbete Gozo (Jouissance) da *Encyclopédia*, escrito provavelmente em 1759, ano em que a obra tinha sido proibida. O livro traz, além do ensaio que lhe dá nome, e que parafraseia o título dos *Entretiens d’un philosophe avec la Maréchale*, o próprio verbete Gozo, acompanhado de longas e esclarecedoras notas.

